

## Expansão vigorosa

Indústria goiana projeta crescimento entre 15% e 20% para 2007, depois de desempenho mais do que satisfatório no primeiro semestre

O forte desempenho da atividade industrial na primeira metade deste ano, segundo a pesquisa Indicadores Indústrias realizada mensalmente pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), animou o setor a projetar crescimento na faixa dos dois dígitos para todo o ano. Diante das tendências em cena até o momento e a despeito da turbulência que varreu o mercado financeiro global entre julho e agosto, as vendas da indústria goiana poderão encerrar 2007 com salto entre 15% e 20% na comparação com 2006, na projeção de Cláudio Henrique de Oliveira, economista da federação.

Os dados do primeiro semestre dão sustentação lógica às previsões de Oliveira, que descreve os resultados alcançados no período como "notáveis". As vendas do setor acumularam salto de 22% na comparação com os primeiros seis meses de 2006, quando já havia sido anotado um avanço de 9,2% em relação a 2005. Deve-se observar, reforça o economista, que aqueles índices dizem respeito a dados atualizados com base no Índice de Preços no Atacado (IPA), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), correspondendo, portanto, a uma variação real. A massa de salários reais, já corrigidos pela inflação da mesma forma, avançou mais 13,5% sobre uma base que já havia anotado incrementalmente de 27,3% no primeiro semestre do ano passado.

Os indicadores de emprego e de horas trabalhadas na produção, sugerindo comportamento igualmente favorável para a produção industrial, apontaram variação de 8,2% e 9,35% respectivamente, depois de crescerem, pela ordem, 8,95% e 3,3% na primeira metade de 2006. Pelo segundo ano consecutivo, como se percebe, a indústria goiana tem conseguido imprimir ritmo muito mais acelerado na ponta das vendas, sugerindo, para a média do setor, rápido escoamento de estoques indesejados.

Na análise de Oliveira, houve de fato uma conjunção de fatores positivos a incrementar toda a atividade econômica na primeira metade do ano, estimulando previsões ainda otimistas para os seis meses finais de 2007. O brilho desse desempenho não parece ter sido prejudicado pela recente crise causada pelos negócios malsucedidos e pela especulação com empréstimos imobiliários "podres" no mercado norte-americano, o que derrubou bolsas e causou elevação de juros nos mercados interbancários ao redor do mundo.

Os baixos índices de inflação no período, a manutenção da tendência de baixa lenta e gradual das taxas de juros no mercado brasileiro, a expansão e suposta diversificação das exportações, queda do desemprego,

aquecimento da demanda interna, associada ao vigoroso avanço das operações de crédito direto ao consumidor, e a bem-vinda recuperação no setor agrícola, entre outras variáveis, construíram um cenário favorável ao crescimento da indústria.

Na média do primeiro semestre, a indústria utilizou 82,7% de sua capacidade instalada, cerca de 1,7 ponto acima de igual período o ano passado. Em junho especificamente, o índice de ocupação da capacidade havia atingido 85,9% perante 84,5% no mesmo mês de 2006. Não são índices que chegam a preocupar, até porque a indústria continua investindo. No setor de metalurgia, que vem imprimindo ritmo acelerado de investimentos, a utilização chegou a 93,7% no primeiro semestre, quase seis pontos de porcentagem acima da média de 2006.

**'Investimentos'** - O economista destaca, ainda, um outro dado estratégico para avaliar as possibilidades futuras de crescimento do setor industrial no Estado. O ambiente favorável levou empresas do setor a não só confirmarem os investimentos programados para 2006, diz ele, como ampliar os recursos para expansão e compra de novas máquinas e equipamentos. O objetivo tem sido, de forma geral, "modernizar e aprimorar o parque instalado, tornando-o mais competitivo, com redução de custos e maior qualificação do pessoal empregado."

Apurados por Oliveira, os números da Secretaria de Indústria e Comércio de Goiás sugerem aceleração dos investimentos na economia. Embora aqueles dados reflitam com maior propriedade intenções de investimento, funcionam como indicador de tendência sobre o ânimo do empresariado. No ano passado, 102 empresas tiveram aprovados pelo conselho do Produzir um total de 126 projetos, prevendo investimentos fixos de R\$ 3,392 bilhões e a geração de 15,314 empregos. Comparando-se com 2005, houve redução de 34% no número de empresas beneficiadas por incentivo fiscais, com baixa de 31% no total de projetos e de 31% nos empregos previstos. Mas o valor a ser investido aumentou 21,3% resultando no segundo mais valor na década, abaixo apenas dos R\$ 4,946 bilhões prometidos em 2003, quando 304 projetos foram aprovados pelo conselho.

Entre janeiro e julho deste ano, com apenas 70 projetos sancionados pelo governo estadual, equivalentes a 555 do total aprovado ao longo dos 12 meses do ano passado, os investimentos já somam R\$ 4,550 bilhões - 34% acima dos valores aprovados em todo o ano passado. No ritmo atual, os números finais de 2007 poderão superar o recorde de 2003. O total de empregos previstos, somando 21 mil novos postos, já é 37/5 superior ao verificado em todo ano de 2006. Como contrapartida, foram aprovados créditos fiscais de R\$ 21,560 bilhões, pouco mais de 4,7 vezes mais do que todo o investimento anunciado.

Oliveira abre parênteses para comentar a situação de setores específicos da indústria, que não têm conseguido acompanhar indicadores médios observados para o setor como um todo. "Deve-se registrar que alguns segmentos suportam de maneiras diferenciadas os efeitos da valorização da moeda nacional frente ao dólar, alguns com perda de competitividade internacional, outros afetados pela importação de bens que poderiam ter sido produzidos aqui dentro", lembra. Caso tivessem sido engendradas soluções para a elevada carga tributária e para as deficiências de logística, acrescenta, o crescimento poderia ter sido mais vigoroso.

**'Crédito'** - A indústria goiana foi favorecida, ainda que indiretamente, pela franca evolução da oferta de empréstimos para pessoas físicas, com destaque para operações de crédito ao consumidor direcionadas para a aquisição de bens e produtos. Apenas nos seis primeiros meses deste ano, considerando-se dados do Banco Central para todo sistema financeiros, o saldo do crédito a pessoas físicas aumentou em 27,6% atingindo R\$ 270,288 bilhões, excluídas as linhas para compra de imóveis e de crédito rural.

Isso significou a injeção de R\$ 34,472 bilhões na economia desde dezembro, dos quais 57% serviram para engordar o saldo de empréstimos pessoais e para aquisição de bens. A evolução prosseguiu em julho, quando os bancos liberaram mais R\$ 6,103 bilhões aos consumidores em geral, elevando o saldo para R\$ 276,391 bilhões - 17,2% mais do que em dezembro, com crescimento de 27,7% em relação a julho do ano passado.

O aquecimento de demanda dentro e fora do Estado, em ritmos nem sempre similares, determinou taxas também diferenciadas de crescimento para as vendas industriais. Considerando-se apenas as vendas dentro do Estado, houve um aumento de 20,58% no primeiro semestre deste ano, com destaque positivo para o setor de extração mineral (mais 121,31%). Mas a indústria química, que inclui o setor de medicamentos, experimentou um tombo de 28,16%.

As vendas para o restante do País anotaram avanço mais impressionante, saltando praticamente 25% (ou precisamente 24,95%) diante dos resultados do primeiro semestre de 2006. Neste caso, a indústria metalúrgica, englobando a produção peças, acessórios e outros materiais para construção civil e os segmentos de ferro-níquel e cobre, muito mais do que dobrou suas receitas, num salto de 141,84%. As usinas de álcool e açúcar, seguindo estratégia definida para enfrentar uma fase de baixos preços e aguardar possível reação no mercado nos meses seguintes, reduziram suas vendas fora de Goiás em 30,38%.